

A IMPORTÂNCIA DA TRIAGEM NA PSICOLOGIA HOSPITALAR

LUCIANO MAFFEI FARIAS DE OLIVEIRA¹; KARINE SHAMASH SZUCHMAN²

¹Universidade Federal de Pelotas – luciano.maffei@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – karineszuchman@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia Hospitalar foi reconhecida como especialidade em 2001 e é regulamentada pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 13/2007. A prática do psicólogo hospitalar pode ocorrer nos mais diversos contextos, o que exige do profissional a disposição e o conhecimento adquirido para lidar com uma gama diversa de pacientes: a criança, o adolescente, o adulto, o idoso, o paciente crônico, o psiquiátrico, a vítima de violência, o cirúrgico, o oncológico, entre outros (MÄDER, 2016).

Uma das funções do psicólogo clínico hospitalar mais necessárias é a triagem dos pacientes internados. Através desse processo, é possível identificar pacientes e/ou familiares que precisem de acompanhamento durante o período de internação. Além disso, a triagem funciona muitas vezes como a “porta de entrada” para o encaminhamento dos pacientes às outras modalidades de atendimento, tendo, assim, relevante papel em uma clínica, cumprindo função de escuta inicial, avaliação e encaminhamento (CERIONI & HERZBERG, 2016).

Com pouco mais de uma década e ainda em expansão no Brasil, a atuação do psicólogo em âmbito hospitalar ainda enfrenta algumas dificuldades. Talvez o principal desafio na triagem, bem como da prática do profissional, está na ausência de um *setting* terapêutico ideal. As entrevistas de triagem são realizadas normalmente junto ao leito, onde, em muitas ocasiões, há presença de outros pacientes que dividem o mesmo espaço, o que implica na privacidade do paciente. O *setting* necessita ser construído ou reestruturado, quando possível (SEGER, 2006).

Ao tornar-se consciente das dificuldades e diferenças presentes no ambiente hospitalar, distante da prática clínica em um consultório, é possível exercer com competência o atendimento e o apoio psicológico com essa demanda diferenciada de clientes. O psicólogo possui um pequeno período para intervir com o paciente e/ou seus familiares, e realiza então um trabalho relativamente curto. A própria entrevista de triagem possui fins terapêuticos (DALLAGNOL, GOLDBERG & BORGES, 2010).

O presente trabalho pretende relatar a experiência de realização de triagem clínica Hospitalar.

2. METODOLOGIA

A realização da experiência surgiu durante o estágio específico em Promoção e Prevenção de Saúde realizado na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Está localizado na Praça Piratinino de Almeida, 53, em Pelotas - RS. O estágio foi feito através do setor de Psicologia Clínica do hospital.

O início da triagem se dá por meio da análise do prontuário dos novos pacientes que internam no hospital, e da comunicação com a equipe de saúde hospitalar, da qual pode emergir uma solicitação de atendimento. São feitas então observações e entrevistas junto ao leito do paciente, e também com o acompanhante caso haja dificuldade agravada de comunicação do paciente.

Para cada paciente que passa pela triagem é feito o preenchimento de uma ficha de entrevista inicial específica para o estágio. Essa ficha contém todos os dados necessários do paciente e é de domínio do setor de psicologia clínica hospitalar. É utilizada para acompanhar a evolução do paciente, e quando o mesmo recebe alta, transferência, óbito ou não há mais necessidade de acompanhamento a ficha é arquivada. Quanto ao acompanhamento dos familiares, além do uso da ficha padrão, é feito também o preenchimento da ficha do SUS para o atendimento.

No caso dos atendimentos por solicitação, é feita a triagem bem como o acompanhamento e a elaboração de um parecer psicológico para o médico solicitante. Este parecer é anexado ao prontuário do paciente, que é disponibilizado para toda a equipe hospitalar. A triagem inicia investigando o problema sugerido pelo médico na solicitação, com a verificação e validação do quadro apresentado. Para isso, é feita uma consulta ao prontuário do paciente, uma breve conversa sobre a situação-problema com o enfermeiro (quando necessária) e o contato direto com o paciente. Quando o diagnóstico apresentado na solicitação é verificável, ou quando a queixa é investigada, ocorre então uma conversa com uma das psicólogas supervisoras do estágio no hospital. Após, é realizado então o retorno para o médico sobre o paciente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A frequência de transtornos psiquiátricos em pacientes internados em hospital geral figura entre 20 a 60% e, entre os mais frequentes, estão os transtornos depressivos e ansiosos e as reações de ajustamento. Esta última, por exemplo, pode ser identificada em 9 a 21% dos pacientes internados em hospital geral (BOTEGA & SMAIA, 2002). A própria triagem se coloca como interventiva quando o foco principal passa a ser o acolhimento das pessoas: mais do que o sintoma, busca-se contato com o sofrimento do paciente. Pode então ser terapêutica, enfatizando o encontro e as intervenções do psicólogo a partir da narrativa do paciente, com o intervenções clínicas relevantes (ROCHA, 2011). No contexto de internação é frequente o aparecimento de erros cognitivos. Eles são investigados durante a escuta. Os mais percebidos são os de catastrofização, polarização, raciocínio emocional (BECK, 2011). Durante a triagem e o acompanhamento é possível uma intervenção em que os pacientes podem perceber e solucionar esses erros, diminuindo os sintomas problemáticos da internação.

A triagem psicológica pode então ser definida como “a tarefa de procurar um significado para as perturbações trazidas pelo paciente e de ajudá-lo a descobrir recursos que o aliviam” (MARQUES, 2005, p. 162). É preciso perceber a primeira impressão que nos desperta o paciente e ver se ela se mantém ao longo de toda a entrevista ou muda, comparar o que o sujeito verbaliza com a “imagem que transmite através da maneira de falar”; compreender “o grau de coerência ou discrepância entre tudo que foi verbalizado e tudo o que captamos através de sua linguagem nãoverbal” (OCAMPO; ARZENO, 2009, p. 19-21).

4. CONCLUSÕES

A triagem psicológica é “a tarefa de procurar um significado para as perturbações trazidas pelo paciente e de ajudá-lo a descobrir recursos que o

aliviem” (MARQUES, 2005, p. 162). É preciso perceber a primeira impressão que nos desperta o paciente e ver se ela se mantém ao longo de toda a entrevista ou muda, comparar o que o sujeito verbaliza com a “imagem que transmite através da maneira de falar”; compreender “o grau de coerência ou discrepância entre tudo que foi verbalizado e tudo o que captamos através de sua linguagem não-verbal” (OCAMPO; ARZENO, 2009, p. 19-21). Embora o hospital seja antigo e ainda um tanto conservador em sua estrutura, a introdução da psicologia do trabalho e posteriormente a clínica possibilitou uma grande abertura para o cuidado com a saúde mental. Os pacientes e familiares/acompanhantes ainda não possuem muita informação a respeito da possibilidade de acompanhamento psicológico durante a internação. Porém, a própria equipe hospitalar em geral se preocupa com a saúde e o bem-estar dos internos, e o cuidado com a saúde mental é uma das motrizes para a ação de toda a equipe.

Notei mudança no comportamento dos pacientes que passaram pela triagem em relação à capacidade de enfrentamento da doença. Em apenas uma entrevista elaborada e semiaberta é possível incentivar a autorreflexão, a consciência de si próprio e da sua situação, bem como a busca por apoio social diante do acontecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECK, J. S. **Terapia Cognitivo-comportamental: Teoria e Prática**. Artmed; Edição: 2ª. Porto alegre, 2013.

BOTEGA, N.J.; SMAIA, S.I. (2002). **Morbidade psiquiátrica no hospital geral**. In N.J. Botega (Org.), *Prática Psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência* (pp.31-42). Porto Alegre: Artmed.

CERIONE, R. A. N.; HERZBERG, E. Triagem psicológica: da escuta das expectativas à formulação do desejo. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.18, n.3, p.19-29, 2016.

DALLAGNOL, C; GOLDBERG, K; & BORGES, V.R. **Entrevista Psicológica: uma perspectiva do contexto hospitalar**. Revista de Psicologia da IMED, vol.2, n.1, p. 288-296, 2010.

MÄDER, B. J. **Caderno de psicologia hospitalar considerações sobre assistência, ensino, pesquisa e gestão**. Curitiba: CRP- PR, 2016.

MARQUES, Nádia. **Entrevista de triagem: espaço de acolhimento, escuta e ajuda terapêutica**. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli. (Orgs.). (Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 161-180.

OCAMPO, María Luisa Siquier de; ARZENO, María Esther García. **A entrevista inicial**. In: Ocampo, María Luisa Siquier de; Arzeno, María Esther García; Piccolo, Elza Grassano de. O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas. Tradução de Miriam Felzenszwalb. 11. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. p. 16-46

ROCHA, M. C. **Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos**. Revista do Nufen - Ano 03, v. 01, n.01, janeiro-julho, 2011.

SEGER, Â. C. B. P. (2006). **Entrevista clínica no contexto hospitalar: revisões e reflexões**. In Macedo, M. M. K., Carrasco, L. K. (Org.). (Com) textos de entrevista – Olhares diversos sobre a interação humana. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 247-259.